

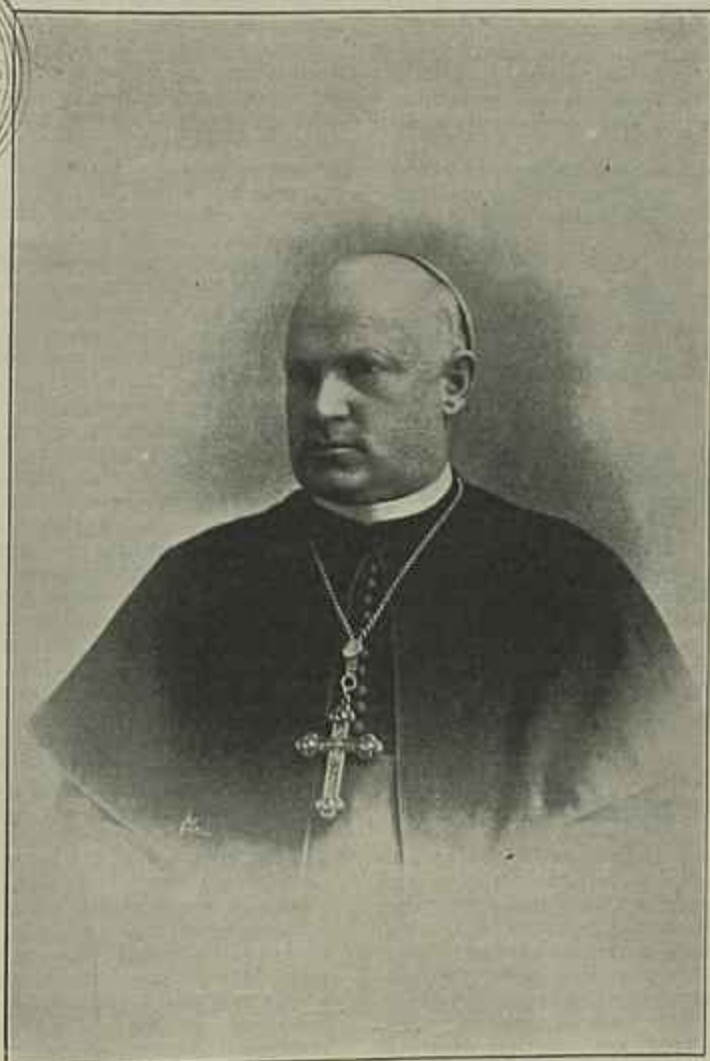
# OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º a entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1128	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	<b>30 de Abril de 1910</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



D. ANTONIO MOUTINHO, NOVO BISPO DE PORTALEGRE

## CHRONICA OCCIDENTAL

Dizer que os festejos commemorativos do centenário de Herculano fecharam com chave de ouro não é só usar de um chavão: é afirmar uma boa verdade.

O cortejo civico que saiu do Terreiro do Paço e se dirigiu ao Pantheon dos Jeronimos teve uma imponencia que emocionou todos quantos de boa fé o viram passar, e que a muitos d'esses surpreendeu, porque mais se via uma parada de forçadas com que se não contava, do que uma exhibi-

ção de puro convencionalismo, como costumam ser taes cortejos.

As energias democraticas que têm por séde a capital, aproveitaram muito bem este ensejo para se patentarem em toda a sua já incontestavel pujança. Dão a quem doer, aquillo é o que é, e o que se viu.

A representação das innumeras associações de todos os generos, de classe, de socorro mutuo, de beneficencia, de propaganda politica ou de pensamento, comquanto grandiosa, não foi todavia o que mais interessou á chronica, porque a chronica não ignorava que o movimento associativo portuguez tem, ha bastante tempo, uma importancia de muito vulto. O que mais interessou a

chronica foi a representação das escolas, porque ainda não lhe fóra possível vêr todas ellas reunidas, alinhadas, marchando ao toque de cornetas, como na tarde do ultimo dia das festas a Herculano.

Nessa representação iam todas as escolas, com exclusão apenas d'aquellas onde se ensina talvez tudo se quizerem, menos isto: os rapazes a fazerem se homens, as raparigas a serem mulheres. O mais, ia tudo. Pobres, ricos, remediados, uns ao lado dos outros, caminhavam todos com o mesmo rumo, alegremente, dando-se as mãos, seguindo os seus estandartes. Até pelos vestuarios se podia bem apreciar que benefica mistura de circumstancias se realisava. Ao lado de creanças vestidas com sedas e rendas, iam outras cobertas com pouco menos que andrajos.

E todas ellas riam ou sorriam, todas caminhavam de costas direitas, despenhadas e bem senhoras de si, convictas de que se tanto ha quem pense nellas e d'ellas cuide como já se cuida, é porque algum bom valor se attribuem.

Assim é, e ainda bem que nem tudo se apresenta como symptoma de fraqueza extrema.

Não ha duvida: A democracia portugueza lançou ao sólo da patria raizes poderosas e fundas, e não lhe falta já nem a seiva abundante, nem a ramaria esplendida. Aquella democracia sonhada pelo primeiro dos seus apóstolos, que foi Elias Garcia, attingiu a realidade, e, agora só quer que a deixem desenvolver-se, crescer, tornar se frondosa.

Limitando se ao registo de factos, e não indo nunca além do commentario sem responsabilidades, imparcial e claro, a chronica não faz mais, em presença do que se viu á passagem d'esse cortejo, do que assignalar que, se a obra reaccionaria em Portugal tem sido e continua sendo nociva aos legitimos interesses da alma popular, essa outra obra que se lhe oppõe toma proporções que nos dão a esperanza de que o mal ha de ser combatido, com efficacia, talvez até á sua completa extinção. Outro mal novo nos sobrevirá sem duvida; mas costuma-se dizer que enquanto o pau vae e vem folgam as costas, e não ha nada mais certo.

Decididamente, nós adoramos o sol, amamos a luz, e tudo quanto seja sombra, a escuridão, a tréva, nos inquieta e nos afflige. A's claras — tudo! Ora, é certo que o espirito reaccionario muito tem trabalhado por cá, e esse, como se sabe, prefere sempre a escuridão á claridade. Mas á sua obra não se associam senão aquelles para quem o amor da humanidade é nada e só o amor do proprio ser, vil e triste, é tudo. A's maiorias, ás immensas maiorias suplantadoras, é que pertence sempre o triunfo; e essas, neste caso, são precisamente as que olham para o sol e entoam himnos á luz.

Não falta quem seja da opinião de que as homenagens aos grandes vultos feitas nas circumstancias em que foi feita esta a Alexandre Herculano, não têm senão um valor passageiro, na realidade sempre muito inferior ao que se lhe attribue, porque — diz se — o povo e até mesmo consideravel numero dos que compõem as chamadas classes educadas, não conhecem nem procuram interessadamente conhecer a grandeza dos celebrados.

Admittamos que a ignorancia é muito vasta, como se sabe que é, e que d'aqui resulta que com o maior numero d'aquelles que tomam parte, ás vezes até uma parte muito effectiva e muito evidente, na pratica d'estas celebrações, se dá esse



facto. Isto não tira nem põe, absolutamente nada, para a importância das celebrações. Porque, o que realmente se celebra, não é um determinado homem, seja elle Herculano, Camões, ou Pombal: o que se celebra é a afirmação da patria que esse homem nobilitou e engrandeceu; e o que seja a patria é que ninguém ignora, e ninguém deixa de sentir.

Pois foi a patria, esta boa, amavel e querida patria de nós todos, que a chronica viu passar, em sorrisos, gritos e cantos, na limpida jovialidade d'aquelles milhares de creanças que esvoaçavam ao redor do tumulo de Herculano, como revoadas da buliçosa passarada que ainda alegrava os ultimos dias d'aquella vida preciosa, nas ramagens que espalhavam sombra sobre a consoladora tranquillidade da Azoia...

JOÃO PRUDENCIO

## D. Antonio Moutinho

Novo Bispo de Portalegre

Não ha memoria, na bela cidade alemtejana, de festa mais imponente, em que todas as pessoas gradas se interessassem e a que o povo de tão boa vontade se associasse, como foi a da entrada na diocese de Portalegre do seu novo Bispo D. Antonio Moutinho, realisada no dia 13 deste mez. As noticias que nos chegam d'ali são todas conformes em descrever a festiva recepção feita ao illustre Prelado, cuja fama de suas virtudes cativou as almas do rebanho que vae pastoriar.

Ha pouco mais de quatro annos, a 1 de abril de 1906, tinha Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup> uma recepção não menos afetuosa e festiva na ilha de S. Nicolau, quando ali dava tambem entrada como Bispo da diocese de Cabo Verde, vindo transferido da diocese de Moçambique, onde deixava memoria immorredoura da sua passagem, pelos grandes beneficios que fez áquella provincia (1).

Justifica se bem assim a extraordinaria recepção que acolheu o virtuoso Prelado na sua nova diocese e todo o empenho com que se promoveram as festas, em que mais influio o illustre Deão dr. Adolfo Ernesto Motta, que foi incansavel para que atingissem o extraordinario brilho que as restiu.

Formou-se um grande cortejo que acompanhou o Rev.<sup>a</sup> Bispo, do Seminario até á Sé, no qual se incorporaram professores e alumnos das escolas do distrito, incluindo o Seminario, varias associações de socorro mutuo e a comercial, todo o Cabido e mais clero da diocese, seguindo-se o palio sob o qual ia sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup>, servindo de caudatario o Ex.<sup>m</sup> Governador Civil acompanhando dos funcionarios do distrito, convidados, officialidade, fechando o cortejo o regimento de infantaria 22 com a respetiva banda. Nas ruas do transitio apinhava-se o povo, e pelas janellas, enfeitadas de ricas colchas de seda, muitas senhoras deitavam flôres sobre o palio.

No templo da Sé as ceremonias religiosas vestiram toda a pompa e imponencia da liturgia, tomando parte uma orquestra dirigida pelo Rev.<sup>a</sup> José Cardoso, vice-reitor do Seminario e distinto amator de musica.

Antes do *Te-Deum*, o venerando Prelado fez uma breve pratica em que manifestou o seu grande reconhecimento por todas as atenções recebidas, e declarou que o seu programa era simples, pois se singia á maxima de S. Paulo: *Omnibus omnia factus sum ut oves salvos facerem*. Tudo para todos, abrangendo todos, fossem quaes fossem suas convicções politicas ou crenças religiosas.

E' esta a grande missão do ministro do Senhor, e a diocese de Portalegre, que teve por seu primeiro bispo D. João de Alva, confessor da rainha D. Catarina e capellão mór de D. João III que o propoz á Santa Sé para aquella alta dignidade por suas grandes virtudes e sabedoria; que teve ainda tantos outros prelados illustres, entre os quaes encontramos D. Frei Amador Arraes, da ordem dos Carmelitas, doutor em teologia, e que tanto por suas reconhecidas virtudes, como pelo muito que se empenhou na conclusão da Sé, o povo o teve por santo, é certo que vae contar mais um prelado illustre digno continuador das

tradições que honram e exaltam a Igreja Lusitana.

D. Antonio Moutinho é natural da Granja, freguesia de Aguas Santas, Porto, onde nasceu a 17 de dezembro de 1862. Estudou no Seminario do Porto e formou-se em teologia na Universidade de Coimbra em 1895. Em 1891 já estava encarregado da freguesia de Villa Nova de Gaya sendo colado em 1898. Aqui fundou escolas, creou a Conferencia de S. Vicente de Paulo com larga distribuição de esmolas aos pobres. Fundou o Circulo Catolico de Operarios, e quando desenvolvia esta assombrosa atividade de bemfazer, desempenhava ainda o logar de professor de ciencias ecclesiasticas no Seminario do Porto, para que foi nomeado em 1892 e de que fez a oração de sapiencia em 1896.

Foi proclamado pelo Cardeal D. Americo, padre benemerito. Nomeado Prelado de Moçambique em 7 de março de 1901, foi segrado Bispo titular de Argos, na Sé do Porto, na Epifania de 1902.

A sua passagem por toda aquella provincia foi assignalada por actos de piedade e obras de benemerencia, tendo sempre em vista a instrução e educação do seu rebanho. Assim fundou na Beira o Instituto Pio X, destinado a educar a infancia. Na Escola de Artes e Officios, de Lourenço Marques, estabeleceu a espensas suas uma officina tipografica, continuando sempre no empenho de alargar a instrução e as missões, como meio civilizador daquelles povos.

Da mesma fórma procedeu na diocese de Cabo Verde, onde é muito sentida a sua falta, mas tinha de regressar á metropole, depois de ter dado o seu contingente de beneficios ás colonias portuguezas de Africa gastando boa parte da saude e da vida.

Justo é que na mãe patria venha ocupar o logar que lhe compete, dirigindo uma das suas dioceses, que hoje se póde orgulhar por ter o Ex.<sup>m</sup> e Rev.<sup>m</sup> Bispo D. Antonio Moutinho por seu pastor.

## CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

*Uma nação póde tudo, quando quer defender a sua liberdade e quando lhe indicam os meios de o fazer com gloria.*

Eis a summula do patriotico e audacioso grito de um verdadeiro portuguez, que encontramos abafado entre os varios impressos que da officina de Rodrigues Galhardo sahiram em 1809.

E' um brado energico, altivo e consolador, mostrando que no meio dos grandes, dos maiores infortunios, o espirito d'um povo de nobres tradições longe de abater-se, sacode o torpor dos dias calmos e se ergue prompto á lucta e ao sacrificio.

RIBEIRO ARTHUR.

### Grito de um verdadeiro portuguez

Um inimigo, que ataca a religião e os seus ministros; que pretende derribar o throno para nos dar por soberano um aventureiro feroz; que transtorna a ordem social, para degradar a Nobreza, e as jerarchias civis; que nos quer roubar os irmãos, e os filhos, para irem perecer em paizes remotos, e desgraçados; que quer aniquilar o nosso Commercio, rompendo os vinculos que nos ligam ao novo mundo; que nos quer dar novas leis, oppostas aos usos, e costumes dos nossos antepassados; um inimigo emfim, que nos quer fazer escravos, aviltando a gloria de uma nação, que nunca tolerou um jugo estrangeiro: é este o que, invadindo as Hespanhas, caminha a envolver-nos na desgraça, em que geme a Europa toda.

E conseguirá elle o seu atroz projecto? Veremos nós outra vez os santos templos profanados? O governo em irrisão? Os nossos usos, e as nossas leis ridicularisadas? Novos cidadãos arrancados á patria, e ás suas familias? Nossos portos bloqueados? Fuzilados os nossos concidadãos, e esquecida para sempre a gloria de não soffrermos o jugo dos tyrannos? Ah! desgraçadamente veremos tudo se nos esquecermos de que somos portuguezes!

*«Mas como conseguiremos, dirão os tímidos, ou os perversos, oppôr um dique á inundação geral, que alaga a Europa inteira? Poderemos nós resistir aos exercitos francezes, que têm feito succumbir tantas nações guerreiras e poderosas? Poderemos, e melhor do que nenhuma outra nação, se lançarmos mão dos recursos, que nos dá o patriotismo, e a natureza.*

Nós já vimos qual é o caracter dos nossos inimigos. Elles são orgulhosos por habito; mas tímidos quando vêem uma nação, que lhes não dobra o pescoço. Que fizeram no Algrave, esses heroes do Marengo? Fugiram timidamente. Que fizeram no Douro os invenciveis de Austerlitz? Perderam as bagagens, e perderiam todos a vida se a impaciencia dos paizanos lhes não ensinasse, que só os poderiam salvar em uma fuga. Que fizeram em Lisboa esses intrepidos de Jonó, no dia 16 de junho? Abandonaram todos os seus postos militares, as suas aguias, e a sua artilheria; porque a prisão de um ladrão fez um pequeno rebello no povo.

Que fizeram os vencedores de Friedland na Roliça e Vimeiro? Fugiram vergonhosamente diante das tropas inglezas, cuja protecção obtiveram por uma industriosa capitulação, para não perderem todos debaixo dos golpes dos nossos intrepidos provincianos. São os francezes que atravessam a Hespanha outros homens? Somos nós no curto espaço de cinco mezes outra nação?

Pois se elles e nós somos os mesmos, para que os havemos de temer? Foi porventura uma illusão quanto temos presenciado?

*«Os exercitos francezes são corpos muito numerosos,» dirão os cobardes.* Que errados calculos não ensina o medo aos poltrões! Quaesquer que sejam as vantagens conseguidas na Hespanha, está por ventura a Hespanha sujeitada? Está já dissolvido o seu governo? Prestarão já os Hespanhoes obediencia ao novo Rei, que elles detestam? Não ha já exercitos hespanhoes? E' por ventura a sujeição da Hespanha, obra não digo de um mez, mas de um anno? Seriam os francezes tão insensatos que entrassem por Portugal, deixando atraz de si uma nação, cuja pluralidade adora Fernando VII, uma nação, que tem visto arrasar suas villas, assassinar seus sacerdotes, profanar os seus altares, e que só por um dos maiores prodigios deixará de nutrir um odio eterno aos barbaros que a devastam? Muito intrepidos consideram os tímidos esses rapazes, que no dia 16 de junho, sem saber por que, fugiram, e se esconderam pelas escadas de Lisboa.

Mas supponhamos que entram em Portugal, e são numerosos, não teremos nós um exercito superior em energia, e superior em numero? A nossa superioridade em energia só a póde negar quem deseja ser escravo. Não foi bastante uma proclamação do governo para que a nação se armasse? Quando se viram tantos moços robustos deixar o abrigo dos seus lares para correrem a alistar-se debaixo das bandeiras portuguezas? Precizarão por ventura os nossos generaes de usar de gargalheiras para arrastar os soldados aos campos de batalha, como fazem os francezes? Ignora alguém o fervor com que a nossa soldadesca, não só deseja defender a patria, mas até ir aos paizes estranhos desafiar os inimigos? Quem tem pois mais energia, os conscriptos da França ou os soldados portuguezes?

A nossa superioridade em numero não é menos evidente. Ainda o exercito não está de todo organizado, e já contamos de 40 a 50:000 homens arrematados. Junte-se a este numero os que vão diariamente sentando praça. Não serão pelo menos 60:000 homens? E quando sejam necessarios 100:000 homens não nos subministra maior numero a nossa população? Em trez milhões de habitantes, não é pelo menos um vigessimo capaz de pegar em armas? Eis que temos 150:000 homens, que pódem defender a patria. Ora juntae a este numero os demais homens que têm lançado mão das armas. Terão os francezes exercitos desembaraçados para nos oppôr outros eguaes em forças.

*«Não podemos sustentar tão grande numero de homens.»* Frios calculadores, não racioneis assim. Uma nação póde tudo, quando quer defender a sua liberdade, e quando se lhe indicam os modos de o fazer com gloria. Quem se não querera privar de uma pequena parte do seu trabalho, e das suas rendas, para sustentar os generosos soldados que correm a defender-nos? O meio é facil. Concorramos todos os que podemos a beneficio da caixa militar com o soldo de um ou mais soldados, segundo as nossas posses. Os que não podemos tanto, concorramos com meio soldo. Não nos envergonharemos de ter criados para conservar as nossas commodidades, ou o nosso luxo, negando ao mesmo tempo aos defensores da nossa liberdade os meios de subsistencia? Ministros do altar que tendes a defender a nossa religião, e a nossa vida; nobres de todas as jerarchias, que tendes a conservar o nome de vossos gloriosos antepassados; magistrados de todas as ordens, que tendes a guardar o sanctuario das leis e da justiça; activos negociantes que tendes de assegurar o vosso commercio, manan-

(1) Vidé OCCIDENTE, vol. XXIX, anno de 1906, pag. 123, n.º 988.



cial da vossa riqueza, e da do estado; paes de familia, que deveis proteger a honra das vossas casas, e livrar os vossos filhos dos horrores da escravidão; religiosas santas, tantas vezes insultadas onde chegam os barbaros, concorrámos; concorrámos todos com o que podermos. Todos podemos concorrer: não nos envergonhemos com a pequenez do donativo, quando elle é proporcionado á nossa mediocre fortuna. Considerae que cada soldado que disputa o passo ao inimigo, é um nosso irmão, é um nosso amigo, que nos defende; defende a nossa liberdade, defende os nossos bens, defende a nossa patria, defende o nosso principe, defende tudo quanto ha de mais sagrado sobre a terra.

Todos os nossos sacrificios são poucos para pagar as suas marchas, os seus perigos, o seu sangue, as suas vidas. Se algum portuguez é surdo ás minhas vozes, eu desde já o accuso no tribunal do Universo, como um portuguez degenerado, indigno do nome de portuguez; elle se faz suspeito á nação e ao governo, e os bons portuguezes o apontarão como um homem que favorece os projectos dos nossos inimigos.

«E havemos de lutar sós n'esta contenda desamparados de alliados, e faltos os recursos?» Pusilanimes! Quem nos ajudou a bater as forças africanas? Quem nos ajudou a vencer o Oriente? Quem concorreu connosco para recobrar a nossa liberdade em 1640? Foram outros os vencedores de Aljubarrota, do Montijo, do Ameixial, e tantas outras eternas acções, que teem assombrado o mundo? Mas quem vos diz, que não temos alliados? Por ventura já curvou a Hespanha a cerviz ao jugo do usurpador? Já abandonou a Inglaterra a causa da nossa liberdade? Não, ella não fez, ella nunca o fará; a amizade, e o interesse ligarão eternamente estas nações: a Inglaterra só deixará de ser aliada dos portuguezes, quando nós formos os vis escravos do inimigo do seu commercio.

«Ah! Portugal ficará devastado! dirá algum cobarde!» Fracos! E não ficou Portugal devastado, quando os nossos inimigos tantas vezes talarão nossas provincias, até chegaram a cercar Lisboa! Fez-se jámais a guerra sem se experimentarem estragos? Não é sobre montões de ruínas que se têm immortalizado os habitantes de Saragoça? Onde vistes arvorar a bandeira da victoria, que não fôsse sobre campos apinhados de cadáveres. Levantae as vossas vistas sobre Diu. Que perspectiva vos offerece este padrão de gloria portugueza!

E que comparação têm essas devastações com o terrivel futuro, que nos offerece a escravidão?

Uma nação que não resiste aos inimigos, é uma nação vil. Os mesmos inimigos a desprezam; ella é então bem digna da escravidão que soffre. Reparae nos males que vos esperam. As mais respeitaveis familias serão arrancadas á patria, para irem acabar em miseria em paizes estranhos. A nossa mocidade seguirá desgraçadamente os passos das tropas, que já foram servir de instrumento ás vistas do tyrano, e acabarão então derramando o sangue, que só deviam dar pela patria: os nossos portos serão fechados ao commercio do Brazil e das nações estranhas: faltarão os fundos, que entreteem a nossa industria: os nossos bens serão absorvidos por contribuições peizadas, como resgates de cativos; uma horrivel fome ceifará os individuos de todas as condições perante a nossa agricultura, que desamparada de braços, e arruinada pelas requisições, não dará subsistencia aos povos; então os que sobrevivem á desgraça, amaldiçoarão os auctores da sua miseria; e a historia, juiz imparcial dos factos, marcará na posteridade os infames, que enganadamente concorreram por erro, ou por omissão para tantas desgraças e ruínas.

«Mas a capitulação de Madrid segura a propriedade, e garante os individuos. Ah! E assim quereis illudir os vossos concidadãos? Acreditaes a fé de um inimigo, que não tem religião, que não tem moral, que não tem verdade? Onde vistes que Napoleão guardasse as convenções? Diga-o o imperador da Austria, sempre illudido nos tratados; Diga-o o rei da Prussia, victima das suas convenções; Diga-o Fernando VII perfidamente sacrificado á boa fé; Diga-o o rei da Etruria enganosamente despojado dos seus estados; Diga-o o Santo Padre, insultado na sua mesma capital; Digam lo nós mesmos roubados, e vilipendiados com a promessa de uma generosa protecção. Não vimos nós os roubos, e os assassinios diariamente commettidos, ainda depois de uma capitulação todá acabada em favor seu.

E' assim que os francezes cumprem as suas promessas, é assim que elles hão-de satisfazer a convenção de Madrid. As familias, e os bens, que

elles roubaram já n'aquella capital, é uma evidente prova da sua observancia.

E' mais facil achar se fé em um bando de ladrões, do que nos exercitos d'esse aventureiro, que saiu da Corsega, para opprobio da França, e flagello da humanidade. Que se póde esperar de um monstro, cujos primeiros degrãos para a elevação foi um thalamo impuro? Jacta te infame Morla de ter aberto as portas de Madrid a um rei philosopho! A' muito que os homens sem moral e sem costumes, encobrem o descaramento e a torpeza com o nome de philosophia. O teu rei philosopho é irmão de Napoleão; será immoral, e infame como elle; mas repara que a nação que trahistes, detestará sempre o teu nome; ella o porá a par do de Godoy, monstro vomitado do inferno para autor das calamidades das hespanhas! Se a tua alma ainda é capaz de remorsos, tu serás d'elles toda a vida atormentado. Tu descerás com elles aos abysmos, e descerão contigo todos os que fôram traidores ao seu rei, á sua patria e ao seu principe.

Portuguezes, não aparteis dos vossos olhos o horrivel, mas verdadeiro quadro, que vos traço. Vale mais morrer com as armas na mão, do que sobreviver para estas desventuras. Para evitar, temos em nós o remedio. E' melhor derramar o nosso sangue em defeza da patria e do Principe, do que no serviço d'um tyranno; é melhor repartir os nossos bens com os nossos defensores, do que resalval-os para despojo de um conquistador barbaro. E' por ventura a primeira vez, que se vê uma nação pequena zombar dos esforços de um conquistador poderoso? Em Portugal não ha um campo, não ha uma montanha que não tenha sido sepultura dos nossos inimigos. Está reservada para nós a infamia de nos deixarmos degolar como tímidos cordeiros? Se entre nós ha cobardes e infames, vão-se elles juntar aos nossos inimigos. Tremam, tremam estes traidores da Patria!... Mas quem não mostrará que é portuguez? Quem não preferirá tudo á conservação da nossa independencia?

Morrão os nossos inimigos; triumphae a patria; façam-se todos os sacrificios que exige a nossa gloria e a nossa liberdade. O governo animará nossos esforços; elle nos não engana; elle representando o nosso perigo, acorda a nossa tibieza; é necessario subministrar-lhe os socorros de que precisa, para animar a nossa coragem. Tende n'elle confiança: elle vigia sobre o nosso bem e sobre a segurança do Estado. Eis aqui o grito de um verdadeiro portuguez. Ouvi-o: attendei-o. E se a minha voz não toca, ouvi a voz dos nossos antepassados, cujas frias cinzas vos gritam ás armas, ás armas; a patria pede vingança: não se adquire a honra sem perigos: a gloria e a immortalidade só pertence aos que nos imitam e sacrificam, assim como nós sacrificamos nossos bens, e derramamos nosso sangue por Deus, pelo rei e pela patria.

Lisboa. Na officina de Antonio Rodrigues Gahardo, impressor do Conselho de Guerra.

Anno de MDCCCIX, com licença da Meza do Desembarço do Paço.

### Juramento de recrutas nos regimentos de Infantaria 1 e Artilharia 1

Com a assistencia de S. M. El Rei D. Manuel e S. A. o Principe Real D. Affonso, teve logar, no dia 17, o juramento de recrutas de infantaria 1, realisado na parada do quartel.

Antes deste acto, houve, na egreja da Memoria, a cerimonia da benção da nova bandeira do regimento, na qual compareceu o mesmo com toda a sua força, assistindo á missa resada pelo capelão e depois desta á pratica que o reverendo Leitão fez, alusiva ao acto.

Recolhido o regimento ao quartel ali aguardou a visita de Sua Magestade e Alteza, que fôram recebidos pelos srs. ministro da guerra, comandante da divisão, generaes Elvas Cardeira, Pimentel Pinto, directores geraes do ministerio da guerra, etc.

Sua Magestade recebeu a continencia do regimento ao qual passou revista, dirigindo-se depois para as dependencias do quartel, que visitou, encontrando tudo na melhor ordem.

Examinou El-Rei as ampliações das cartas do Estado Maior e a nova instalação dos sapadores, o que tudo elogiou.

Assistiu, por fim, aos exercicios ginasticos dos soldados na parada do quartel, e que constaram de saltos á vara, corridas de velocidade e de obstaculos, luta de tração e *foot ball*, para os quaes havia premios, que fôram distribuidos aos vencedores.

Antes de Sua Magestade se retirar, dirigiu-se á sala dos officiaes, onde o comandante, sr. Sousa Marques, ofereceu uma taça de *Champagne* que El-Rei se dignou aceitar e se trocaram brindes muito afetuozos.

No dia 24 houve festa igual no quartel de artilharia 1, para juramento de recrutas, a que El-Rei tambem assistiu, havendo missa campal na parada do quartel, onde foi armado um altar, decorado com trofeus de guerra e verdura, assim como dois pavilhões para assistencia de Sua Magestade e convidados, em que se viam muitas senhoras das familias de officiaes. Depois da missa teve logar o juramento de recrutas.

Na sala da secretaria do regimento foi inaugurado um retrato de El Rei, cerimonia que se fez com toda a solemnidade, usando da palavra o digno comandante que saudou Sua Magestade, ao qual El-Rei correspondeu agradecendo.

Foi tambem inaugurada no quartel uma nova sala para os sargentos, onde tambem foi inaugurado um retrato do sr. comandante daquelle regimento.

Teve ainda logar a inauguração d'uma cantina desportiva, instalada num salão expressamente construido, sendo a despeza desta nova construção custeada por um fundo de economias do regimento.

A cantina tem um bufete e vinte e duas mesas para jogos de assalto, damas, dómínó e outros jogos de calculo, assim como mesa para os soldados escreverem, etc.

Todas estas inaugurações representam elementos de progresso, como meios civilisadores dos soldados, convidando os á sua permanencia no quartel e desviando-os assim da taberna e convivencia de más companhias.

Na parada realisaram-se depois varios exercicios, como corridas de obstaculos com carros e peças montadas, subidas e descidas de ladeiras, etc., realisando-se bem estas diferentes evoluções.

No picadeiro executaram-se varios exercicios hipicos de evoluções e saltos em que tomaram parte sargentos montados, tendo realisado saltos de 1<sup>o</sup>,80 de altura.

Estes exercicios agradaram muito a El-Rei e a toda a assistencia, pois constituíram provas da boa instrução hipica militar.

Foi um dia de verdadeira festa para o regimento de artilharia 1, em que, para ser completo, os soldados tiveram um bom jantar em vez de rancho, e á noite animatografo na parada do quartel com a charanga do regimento, até ás 11 horas, em que foi o toque do recolher.

### Exposição da Sociedade «Silva Porto»

Como manhan de abril que o sol ilumina para breve se acultar no ceu toldado pela chuva miudinha das aguas mil coadas por um mandil, assim a exposição da Sociedade *Silva Porto*, passou este anno pelas salas da Academia, desde 16 até 24, oito dias apenas para o publico a visitar e os criticos escabicharem nos cento e tantos quadros de que se compunha, a maior parte quadriños.

Iamos quasi escapando sem a vêr, absorvidos nas nossas mil e uma tarefas que nos levam o tempo, quando lêmos num jornal que a exposição fechava naquella dia. Deixámos a jornada a Santarem para a qual a saude não nos ajudava, e corremos pressurosos ao velho convento de S. Francisco, revestido com o pomposo titulo de Real Academia de Bellas Artes, e passando aavez daquellas casas-matas, quer dizer, corredores, penetrámos nas salas da exposição.

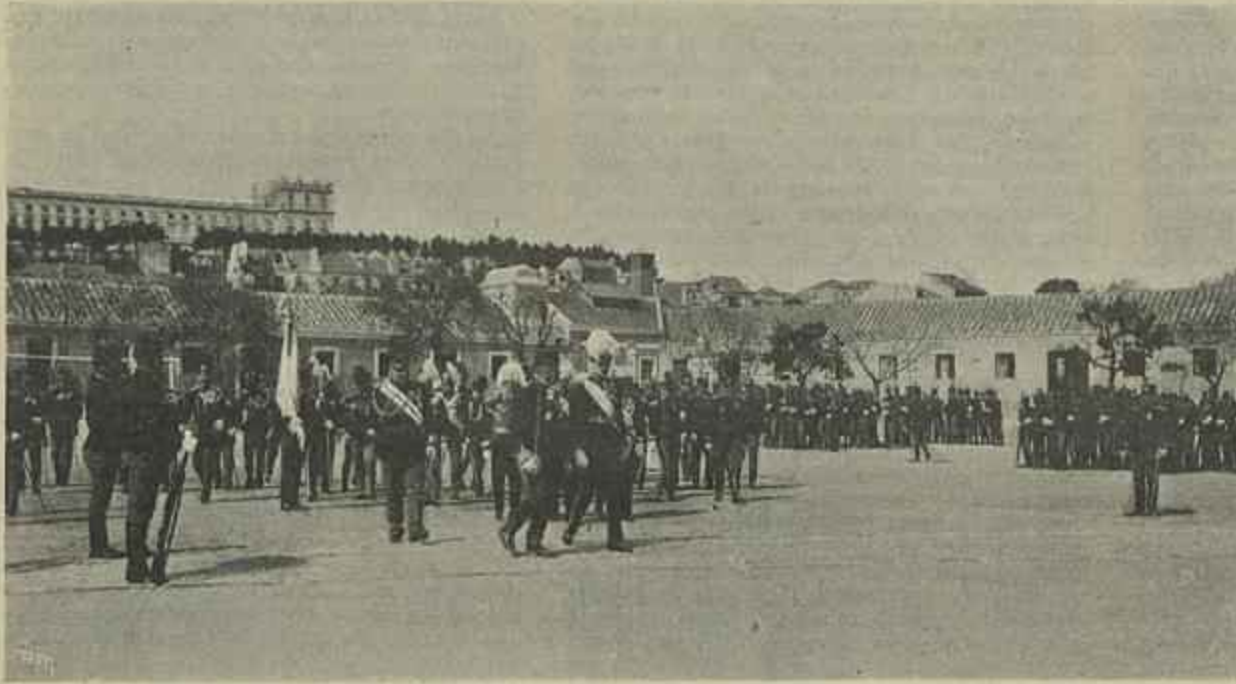
Deixámos de espreiar a vista por esses lindos campos fóra, de Lisboa a Santarem, mas em compensação alegrámos os olhos nas exuberantes paisagens que se espalhavam, numa centena de quadros e quadriños, pelas paredes daquellas salas, como ricos bordados a orejarem em fardas velhas.

Doze eram os expositores e cento e quarenta e seis os quadros expostos, pelo que se vê que a Sociedade *Silva Porto* não desanima, e ainda bem.

A exposição pareceu-nos das melhores que esta Sociedade tem realisado. Não estamos certos se



## O Juramento de recrutas nos regimentos de infantaria 1 e artilharia 1



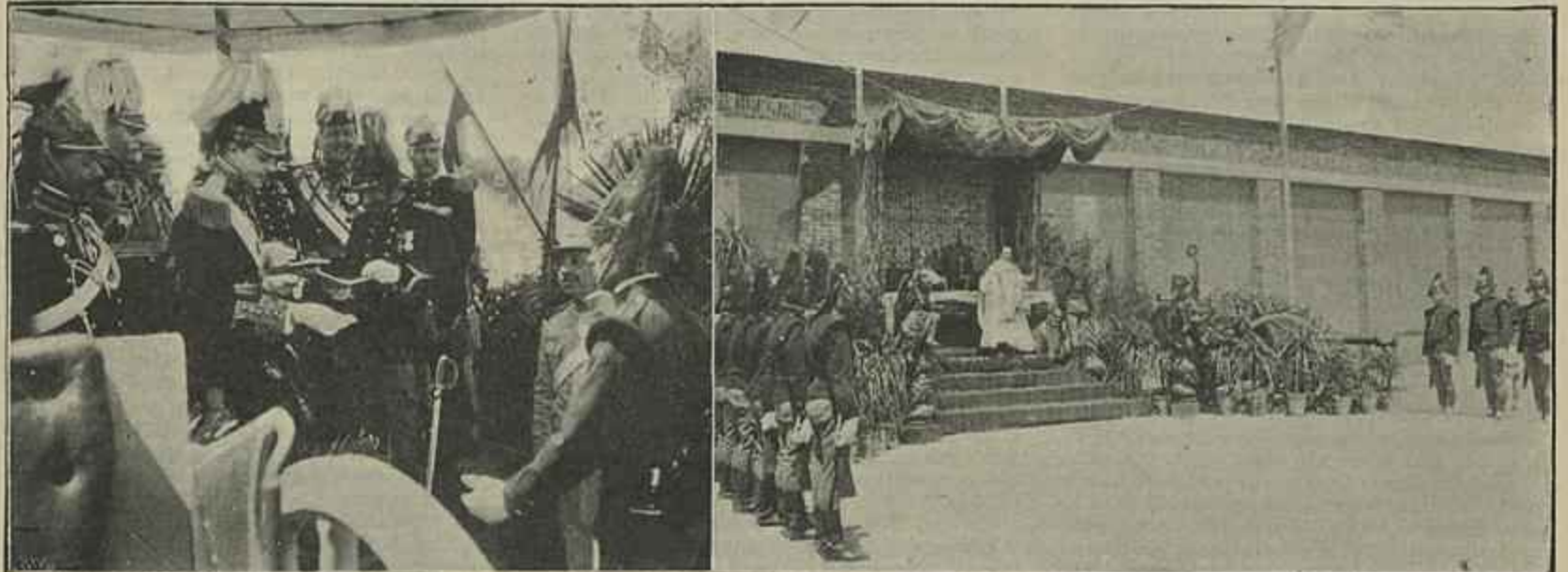
S. M. EL-REI D. MANUEL E S. A. O PRINCIPE D. AFFONSO, NO QUARTEL DE INFANTARIA 1

com os que trabalham para não tirar proveito do seu trabalho, e contentar nos com o que apresentam, por ventura, com muita vontade de apresentar mais e melhor.

Na primeira sala encontrámos desanove quadinhos do sr. João Dias Serras, alumno do 5.º anno, e dos quaes destacaremos como os de melhor efeito e execução, *Estrada das Lapas* e *Portas das Bonitinhas*, ambos encontrados na paisagem de Torres Novas.

Seguem-se outros treze quadros pequenos do sr. Armando de Lucena, tambem alumno do 5.º anno. Dificilmente podemos ter preferencias porque não nos agrada o seu modo de vêr do natural, o que não quer dizer que a outros não agrade aquelle empoeirado da paisagem que mais se excede no seu quadro *Sol e poeira*, cuja belesa do assunto é contestavel.

Proseguindo, encontram-se dezoito quadros do sr. Abel Santos, alumno do 6.º anno. Os seus quadros são mais sobrios de tinta que o geral dos seus colegas, pelo que não se arrependa. Tem qua-



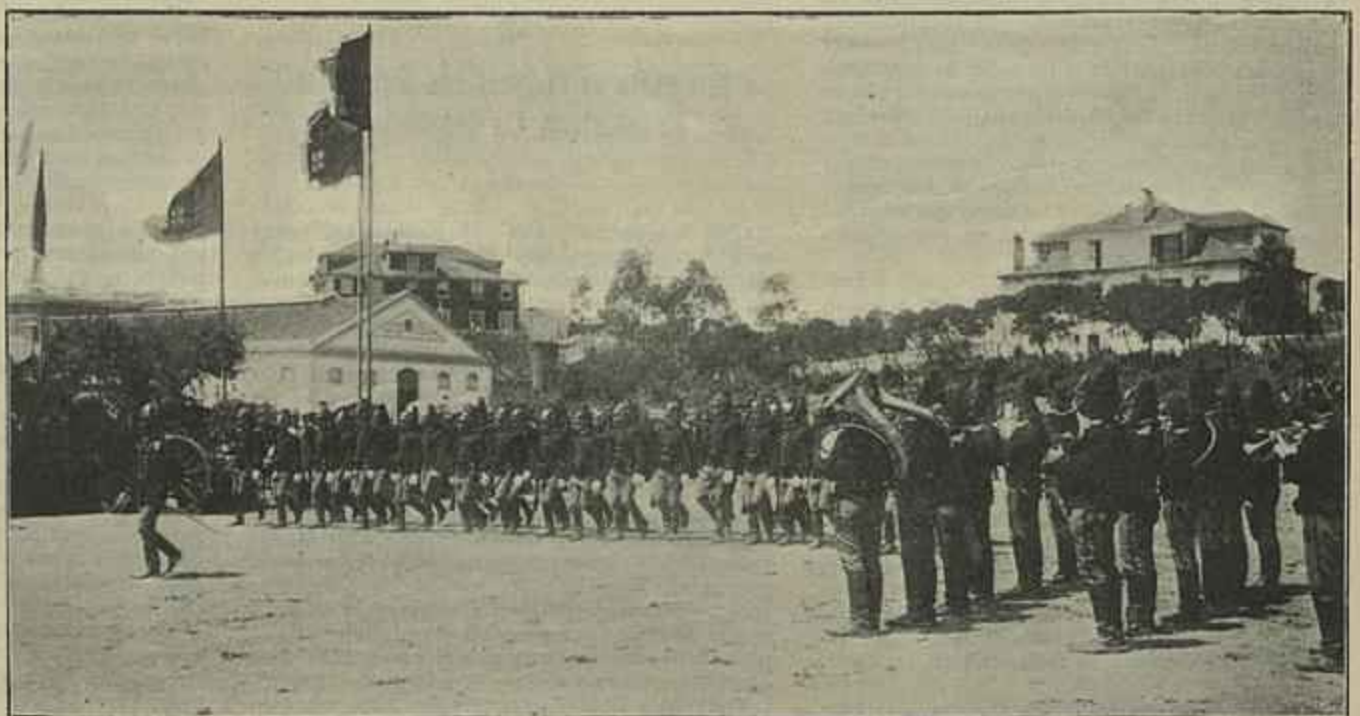
EL-REI ENTREGANDO OS PREMIOS AOS SOLDADOS — A MISSA CAMPAL NA PARADA DO QUARTEL DE ARTILHARIA 1

é a mais numerosa em obras, mas o que ella é, sem duvida, é das melhores em qualidade, o que mais importa.

Não é facil numa só visita, com o dia quasi a fugir, determo-nos sufficientemente na apreciação de cada quadro, uma multidão de quadinhos, parece que mais preparados para os amadores pouco generosos ou de magra bolsa, do que para chamar a atenção pela belesa de suas concepções ou afirmações de talento que domine e atráia.

Evidentemente a exposição recente-se do mercado. As grandes télas, por melhores que sejam, não encontram compradores e os artistas só com grandes sacrificios as pôdem fazer, para lhes ficarem nos *ateliers*.

Posto isto, a critica tem que ser benevola



EXERCICIOS DE MARCHA, NO QUARTEL DE ARTILHARIA 1



## Exposição da Sociedade «Silva Porto»

dros de boa factura e efeito, taes como *Trecho das Lapas*, o maior, *Amanhecer na Aloverca* e *Uma rua em Torres Novas*. O resto são estudos.

O sr. Frederico Ayres, alumno tambem do 6.º anno, apresenta, entre treze quadros, um que mais se destaca por suas qualidades e dimensão. E' o *Sol posto*, um belo effeito de sol poente, muito verdadeiro, bem sentido, repassado de certa melancolia poetica, servido por bons processos de pintura. São auspiciosas as promessas deste estudante, que pôde muito bem dar um artista de valor.

Aqui depara-se-nos agora a exposição do sr. Leandro Calderon, alumno do 7.º anno, composta de quatorze quadros, em que ha um maior, *Estrada*



SOL POSTO — Quadro de Frederico Ayres

que nos pareceu melhor é o intitulado *Conduzindo o rebanho*. Aparte a entoação fria do ceu da França que não tem a mesma luz do ceu peninsular, ha uma certa dureza de pincel nos quadros do sr. Campas que prejudica a sua pintura. E' tendencia que já lhe conheciamos e que continúa, sem com isso evitar a confusão de planos dos seus quadros.

Agora é um artista já conhecido, o sr. Alves Cardoso, que apenas expõe uns cinco quadros, onde dominam os effeitos de luz e um *Interior bretão*, bastante confuso para se perceber á primeira vista, custando a distinguir-se uma mulher cosinhando qualquer cousa ao lume.

O sr. Adriano Costa, parece-nos ser um novo nesta exposição.



ESTRADA DOS MEZIÕES — Quadro de Leandro Calderon



TRECHO DAS LAPAS — Quadro de Abel Santos

*dos Meziões*. Este quadro é um tudo nada convencional na composição e na factura, que destoa do modo de ver moderno. As folhas das arvores do primeiro plano desenharam-se demasiadamente, como se estivessem no seu tamanho e disposição natural, e a perspectiva aerea não é observada; os planos não se destacam, tratados todos da mesma forma. Isto se repete no geral dos outros quadros do sr. Calderon, fazendo destaque dos seus companheiros.

O sr. José Campas, pensionista do Estado em Paris, concorre com vinte e cinco quadros, todos de paisagem franceza, dos quaes o



SOBREIROS E CASTANHEIROS — Quadro de João Trigoso

Apresenta uns treze quadros, ou antes, estudos modestos, sem destaque especial.

A exposição de outro artista, tambem já conhecidos, o sr. Falcão Trigoso, é só de oito quadros, onde os ha de paisagem e de figura, como *Um justo de 80 janeiros*, boa cabeça de velho bem estudada. O seu quadro *Sobreiros e castanheiros ao sol*, um dos maiores que se via na exposição, tem effeitos de luz bem reproduzidos, no emaranhado dos troncos e da folhagem que formam, por assim dizer, uma floresta por desbravar, sem delimitação de planos e de perspectiva e certo abuso de tons amarelados



que prejudicam o efeito geral, e que não nos pareceram de uma grande verdade.

O sr. Antonio Saude concorre com oito quadros, que logo denunciavam o autor pela maneira da sua pintura cheia de luz e de cor. O seu quadro *Moinho do Cercal*, é o de mais destaque entre os que apresenta como boa mancha e linhas de composição. Tanto neste como nos restantes quadros ha uma abundancia de tinta que era bem dispensavel e que apenas prejudica a sua obra para ser vista á distancia a que póde ser observada numa sala ou galeria de rasoaveis dimensões. De resto, o sr. Saude é um artista de reconhecida individualidade.

Mais dois socios, companheiros da excursão artistica, srs. João Baptista Junior e Horacio Silva, apresentam uma duzia de quadros, pequenos estudos, esbocetos, que decerto não pretendem hombra com os seus colegas e só ali vêm para fazer companhia.

E assim passámos umas duas horas na exposição, divagando pelas lindas paisagens dos nossos campos, sem irmos a Santarem apanhar uma soalheira a que a nossa saude não resiste por mais que queira.

CAETANO ALBERTO.



## «DON QUICHOTTE»

(A opera nova de Massenet)

O poeta sapateiro Le Lorrain—A sua vida—Anos de sofrimento, uma aventura em Hespanha—Estada em Paris—Partida para o campo—A sua doença—A sua peça «Don Quichotte» O libretto de Henri Cain—Uma comedia heroica—Os interpretes da sua opera—O theatro de Monte Carlo—O que a critica diz da musica—O nosso juizo.

Acompanhando esta revista a evolução artistica de toda a parte, mister é falar da nova composição do grande musico francez, Julio Massenet, a comedia lyrica em 5 actos, *Don Quichotte*. Mas como o assumpto não tem a sua origem na obra de Cervantes, mas sim em uma peça d'um escriptor francez, vem a proposito, como preambulo, dizer algumas palavras do auctor, demais que elle representa na moderna litteratura franceza, um caso extremamente typico e dos mais interessantes, dentro do dominio da psychologia. Analysal-o é vermos n'elle um caso de materia philosophica para as nossas investigações e estudos.

O poeta sapateiro Le Lorrain, nasceu em Bergerac em 1856, de uma familia de sapateiros mas que passava por ser composta de boas pessoas e algo serias. Na sua mocidade Le Lorrain, vivendo, está claro, n'aquelle meio tão artistico e inspirador, foi fazendo os seus arranjos em algumas botas, e aos 16 annos entrava n'um collegio de padres da sua terra natal, terminando depois os preparatorios no lyceu de Perigueux, e d'ahi a pouco na Faculdade de Montpellier. Mais tarde foi professor no Collegio dos Jesuitas d'Arcachon, porém, em 1882, chegou a Paris onde conquistou a sua reputação de poeta.

Parece-me que de sapateiro em Bergerac a ser um conhecido poeta em Paris vae uma distancia respeitavel! Le Lorrain, desde novo revelou um bello character, pois que durante a sua mocidade, soffreu a mais atroz miseria, até mesmo a fome, com paciencia digna de ser exemplificada! Apenas era feliz quando escrevia os seus versos que lhe nasciam na alma, espontaneos e plenos de candura!

Como o dinheiro não chegava para pagar os meios de transporte, fazia as maiores distancias a pé; assim, ia de Bergerac a Montpellier e d'esta a Nancy, sempre a pé! E d'esta fórma foi á Alemanha e á Hespanha.

Tinha um aspecto physico insignificante, até lhe chamavam o *cavalleiro da Triste Figura*, e por causa d'isto aconteceu-lhe uma aventura em Hespanha que elle contava sempre com alegria. Quando entrou a pé na fronteira de Hespanha, um gendarme, tomando-o como um salteador, prendeu-o sem lhe dar o menor cavaco! Le Lorrain escreveu para Bergerac a pedir os seus papeis de identidade, mas enquanto estes não chegavam, o poeta ia fazendo versos que o gendarme gostava de ouvir!

Pois já depois dos papeis terem chegado, o gendarme não os entregava com pena de deixar o prisioneiro, de quem gostava tanto! E' caso para não agradecer tal amizade!

Nos seus livros *Fleurs Pâles*, *Roussel e Au Delà*, vemos a sua alma de poeta, mesmo quando escriptos em prosa. Mas a miseria perseguia-o e Lorrain voltou ao seu mister de sapateiro, onde se instalou na rua Sommerard, 25. Foi n'esta loja, n'este ambiente tão pouco inspirador, que o poeta trabalhou no seu *Don Quichotte*, que não é uma adaptação do de Cervantes, mas sim talvez um heroe francez.

A saude de Lorrain cada vez era mais fraca, e necessitava de respirar outro ar. Mas dinheiro não o tinha e foi preciso valer-se da venda d'um romance para a *Revista dos Dois Mundos* e d'algum dinheiro adeantado de Drieux e Brunetière.

Durante a sua estada em Libourne em casa de pessoas amigas, entrou em ensaios em Paris, no novo theatro Victor Hugo, a sua peça *Don Quichotte*. A 3 de abril de 1904 foi a primeira representação, que foi recebida pela critica com elogios.

Le Lorrain, sabendo d'isto, quiz, á viva força, partir para Paris, apesar de correr grande risco a sua tão debil saude. Os poucos dias que esteve na capital franceza, foram de verdadeiro martyrio. Mas querendo por força ver a sua peça, foi transportado n'uma cadeira ao theatro. Aquella atmosphera fez-lhe mal, mas ao menos conseguiu ver o seu *Don Quichotte*.

No dia seguinte entrou em uma casa de saude em Arcuell, onde morreu passados alguns dias.

O escriptor Henri Cain, baseando-se na peça de Lorrain, escreveu uma comedia heroica, respeitanto quanto possivel os versos do auctor. Está dividida em cinco actos e tem as seguintes figuras: *Dulcinea*, *Don Quichotte*, *Sancho*, *Pedro*, *Garcia*, *Rodriguez*, o chefe dos bandidos, dois criados, quatro bandidos, e côro de senhoras, amigas de *Dulcinea*, povo, etc.

O primeiro acto representa uma praça de uma aldeia de Hespanha. E' o dia de uma feira, dança-se por toda a parte, reinando em todos grande alegria.

*Dulcinea* apparece á janella emquanto um quartetto de amorosos a convidam a tomar parte na festa. Mas eis que chega *Don Quichotte* no cavallo *Rossinante*, com o seu respectivo *Sancho*, em um burro.

*Don Quichotte* é aclamado por todos e pelos mendigos que o não deixam. A noite vem chegando e *Don Quichotte* vê *Dulcinea*, pela qual fica encantado, e quando está para lhe cantar uma doce serenata, um dos amorosos desafia-o! Ao qual *Don Quichotte* responde:

«Que la chanson du fer  
Remplace le refrain qui montait pur et clair  
Vers vous, étailes innocentes!»

*Don Quichotte* continúa cantando, até que tem que cahir em guarda. *Dulcinea* corre á rua e separa os dois combatentes com o leque.

Todos fogem e *Dulcinea* fica com *Don Quichotte*. Ella promete-lhe o seu amor se *Don Quichotte* lhe trouxer um collar de perolas que lhe roubaram uns salteadores. *Don Quichotte*, altivo d'essa missão parte em busca do collar.

O segundo acto é a conhecida scena dos moinhos.

*Don Quichotte* sonha na sua *Dulcinea*, não ouvindo *Sancho* que se ri de todas as mulheres e de *Dulcinea* em particular. De repente, *Don Quichotte* vê perante si varios moinhos, monta a cavallo e corre para elles. E' apanhado por uma véla e lançado pelos ares.

No terceiro acto, vemos *Don Quichotte* no meio dos salteadores. *Sancho*, logo que os viu, cheio de medo, fugiu! *Don Quichotte* lucha com elles; um só contra tantos, impossivel vencer; porém, já perdido, *Don Quichotte* invoca uma oração a Deus:

«Seigneur, reçois mon âme, elle n'est pas méchante,  
Et mon coeur est le coeur d'un fidèle chrétien.»

Os salteadores, ouvindo aquella voz tão inspiradora, perdem a coragem, e, cheios de terror, cahem-lhe aos pés, entregando o collar.

O quarto acto é uma grande festa em casa de *Dulcinea*. Esta sente-se triste e cheia de saudades! Porém, os convidados ouvem um grande susurro: é *Don Quichotte* e o seu fiel *Sancho* que chegam.

*Don Quichotte* entrega-lhe o collar, prometendo-lhe o casamento. *Dulcinea*, ingrata, ri-se e toma-o por louco. O pobre *Don Quichotte*, cheio de tristeza e vendo que todos se riem d'elle, jaz como aterrado.

«Tu m'as brisé le coeur .. et je suis à tes pieds.»

No quinto acto, *Don Quichotte* refugia-se em uma floresta. Diz a *Sancho* as suas ultimas vontades, os seus sonhos, as suas esperanças. Morre lançando um beijo a uma estrella que brilha no firmamento e que julga ser a sua *Dulcinea*:

«L'Etoile! Dulcinée! avec l'astre éclatant  
Elle s'est confondue! O Sancho, c'est bien elle.»

Os artistas que desempenharam os principaes papeis, foram: *Lucy Arbell*, da Opera de Paris, que cantou uma *Dulcinea* de fórma admiravel; o baixo russo *Chaliapine*, foi um *Don Quichotte* distincto, assim como o barytono *Gresse* um *Sancho* correcto.

O theatro de Monte Carlo, na primeira recita, apresentava um brilhante aspecto; além d'um publico elegante, na platéa viam-se os principaes criticos musicaes, e correspondentes dos jornaes estrangeiros.

*Massenet* foi muito applaudido, e os jornaes fazem grande elogio á musica.

Nós, pela leitura que fizemos da partitura, achamo-la demasiado pobre, fazendo recordar bastante a *Griselides* e *Jongleur*, do mesmo auctor, não tendo o valor de qualquer d'estas.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



## A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1126)

Ficamos quietos e calados a vêr o nosso medico operar o collega; *Dolly*, com uma habilidade rara, cortou os pedaços da ventosa até tiral-a toda, e depois, pondo sobre o golpe o panno molhado, ligou a perna ao doutor de uma maneira maravilhosa.

Era realmente triste pensar que este homem, cinco minutos antes tão forte, estava agora a nossos pés, sem movimento algum.

Conheciamos pouco *Duncan Gray*, mas tornara-se sympathico a todos nós, de maneira que, de cada vez que *Dolly* dava uma volta á ligadura ou comprimia a ferida com cuidado especial, não podia deixar de exclamar: — Optimo, rapaz, optimo... Mais tarde tem de se tirar tudo isso.

*Dolly* tambem assim o julgava.

— E' apenas uma arranhadura, e se a faca não estava envenenada, o doutor ficará curado em oito dias. Mas agora não se pode ter de pé, com certeza.

Encontravamos-nos então n'um espaço acanhado da galeria, e um raio de luz que vinha do alto, de alguma lampada que não tinhamos visto, revelou-nos a existencia de uma escada de ferro a um alçapão na parte superior.

Ouvimos vozes humanas sobre as nossas cabeças, quando entramos na caverna, mas de subito distinguimos um som, como de aviso e todos emudecemos.

— Apaguem a luz, depressa — exclamou *Peter Bligh*. Elles ahí veem!...

Soprei a luz que se apagou logo.

Só tivemos tempo de nos deitarmos no chão e fingirmo-nos adormecidos.

Durante uns dez segundos, estivemos escutando falas asperas de homens, na habitação que havia sobre as nossas cabeças.

Depois sentimos levantar o alçapão, e um raio de luz iluminou o solo a uns cinco metros de distancia do sitio onde nos encontravamos.

Ao mesmo tempo uma cabeça pelluda como a d'um macaco, appareceu pela abertura e esteve esquadrinhando de cima a baixo.

— Ora adeus! disse aquelle homem como



se respondesse a outro que estivesse por de-  
traz d'elle; — não vejo ninguém.

E outra voz exclamou:

— A culpa é tua, por seres estúpido e não  
andares lesto!

Fecharam novamente o alçapão e nós pu-  
demos depois respirar á vontade.

Não seria facil esquecer a lição que aca-  
bavamos de receber, para sermos mais precau-  
vidos para a outra vez.

Tornámos a accender a lanterna com um  
phosphoro do nosso Seth Barker, e dirigimos  
a luz para o rosto do doutor.

— Falem o mais baixo possivel — recom-  
mendei — e quanto menos melhor. Estamos  
n'um sitio perigoso, e o falar não nos adian-  
tará muito. Tratamos primeiro do doutor e  
depois de nós.

O certo era que Duncan Gray se encon-  
trava um pouco melhor, e, sentando-se no  
solo, começou a olhar-nos admirado. Primeiro  
encarou com Dolly Venn, depois para a perna,  
e em seguida poz-se a observar o sitio em  
que se encontrava.

— Sim — exclamou por ultimo, — agora  
me recordo, sim... dei um golpe na perna e  
fui tão estúpido que continuei a caminhar.  
Bem mereço o que me aconteceu. Mas o cura-  
tivo está feito por mão de mestre!...

— Foi aqui o nosso Dolly Venn, que sem-  
pre teve geito para curandeiro.

— E sem metter em conta o pedaço da  
camisa que inutilizei — disse Peter Bligh ape-  
sar da minha prohibição para que não falasse.  
— Valeu a pena cortar-se, só para vér a  
limpeza com que Dolly sabe trabalhar.

(Continúa)

RICARDO DE SOUZA.

## NECROLOGIA

### Alfredo Carvalho

Era o actor mais popular de Lisboa, na verda-  
deira acepção desta palavra. Nas casas de espe-  
taculos mais populares iniciou a sua vida de ar-  
tista e chegou até ao teatro D. Amelia, acompa-  
nhando o sempre a mesma popularidade que elle  
tinha ganho nas barracas de feira, principiando  
pelo barracão de Alcantara, denominado *Illa dos*



ALFREDO CARVALHO

*Amores*, onde pela primeira vez se apresentou ao  
publico. Foi actor bem português, dispondo de  
graça natural, um belo exemplar de bohemio, di-  
vertido, sem cuidados, até muitas vezes no papel  
que tinha que representar e não estudava, fian-  
do-se no ponto e ainda mais em si, pois se aquelle

lhe falhava, elle, sem se desconcertar, supria o  
com a propria veia comica, com aplauso das pla-  
teias que lhe achavam imensa graça.



ALFREDO CARVALHO  
N'um compadre de Revista

Era o actor popular por excellencia, para a  
baixa comedia, para as magicas, para as revistas  
e muitas se sustentaram em cena, por causa delle,  
das suas piadas, dos seus tipos grotescos, popu-  
lares, que o publico saboreava e não se farta-  
va de aplaudir.

Quem não se lembrará delle nas magicas  
da barraca dos Dallots, nas feiras das Amo-  
reiras e de Belem, *O Abracadabra 36*, *o Ra-  
mo de Ouro* e outras; no celebre *Processo do*  
*Rasga*, parodia ao *Processo do Can-Can*, em  
que Alfredo de Carvalho colheu os primeiros  
aplausos do grande publico.

Mas as revistas é que mais o popularisaram  
e nellas é que elle deu largas á sua veia co-  
mica. Sousa Bastos encontrou em Alfredo de  
Carvalho o melhor interprete para os compa-  
dres das suas revistas *Tim Tim por Tim Tim*,  
*Tamtam*, *Sal e Pimenta*, chegando a leval-o  
ao Brasil onde agradou extraordinariamente.

Foi ainda quem, depois do actor Ribeiro,  
melhor desempenhou o papel de Gaspar dos  
*Sinos de Corneville*.

A sua vida de bohemio estragou-lhe cedo  
a saude, tanto mais que elle não era homem  
robusto. Depressa envelheceu e a doença o  
minou atirando-o para a sepultura aos 55 annos  
de idade.

São do *Dicionario do Teatro Português*, de  
Sousa Bastos, as linhas que se seguem:

«Alfredo Carvalho. — Nasceu este popular  
actor em Lisboa, a 24 de janeiro de 1855.  
Vindo de uma distinta familia, com bela posi-  
ção na sociedade lisbonense, conservando ain-  
da parentes proximos ótamente colocados,  
orgulha-se o engraçadissimo artista de ter co-  
meçado a sua carreira nos teatros das feiras e  
nas barracas populares. E assim continuou nas  
provincias, até em teatros improvisados nas es-  
colas, nas adegas ou em qualquer parte. Mas o  
que é verdade é que o seu valor e a sua veia  
comica foram desde logo reconhecidos. Os em-  
presarios começaram a disputal-o e o seu pro-  
gresso como artista desenvolveu-se extraor-  
dinariamente nos teatros dos Recreios, Gim-  
nasio, Rua dos Condes, Avenida, Trindade e D.  
Amelia. Alfredo Carvalho tem graça natural, uma  
graça muito sua. Improvisa admiravelmente, pro-  
vocando tempestades de riso, sem nunca ser in-  
conveniente. Não ha outro artista que disponha  
do publico como elle. Nos compadres das revis-

tas é inegalavel. A quantas peças deste genero  
elle tem dado longa vida com a feliz colaboração  
dos seus ditos impagaveis? Basta citar o Lucas  
do *Tim Tim por Tim Tim*, o Cosme do *Tamtam*  
e o Felix Telles de Meirelles do *Sal e Pimenta*.  
Mas não é só nos compadres de revista que elle  
é insigne, como muitos pretendem, principalmente  
os seus colegas, Alfredo Carvalho em todos os  
generos tem papeis magnificamente interpreta-  
dos, como são por exemplo: o Rei da magica *A*  
*gata borralheira*, o diplomata da *Niniche*, o Aga-  
pito do *Solar dos Barrigas*, o Alcaide do *Burro*  
do sr. Alcaide, o mordomo da *Cigarra* e tantos  
outros.»

Alfredo Carvalho estava escriturado para a fu-  
tura época no teatro do Gimnasio e ás recitas  
para o teatro do Principe Real. No domingo  
3 do corrente, foi por obsequio recitar uma poe-  
sia comica numa *matinée* no Salão da Trindade,  
em beneficio da Caixa de Socorros dos operarios  
da tipografia do *Anuario Commercial*. Foi a  
ultima vez, julgamos, que pisou o palco, e sempre  
com a graça costumada, recebeu uma salva de  
palmas do publico que pedia mais. Alfredo Car-  
valho então, bisando a ultima quadra, accrescen-  
tou: «e... não digo mais nada, porque tenho aqui  
um bilhete para a tourada...»

E lá se foi, por entre os aplausos, para o seu  
divertimento favorito, as touradas.

As touradas e os doces eram muito de sua pai-  
xão e tanto que elle por vezes dizia, que Deus o  
levasse a comer pasteis.

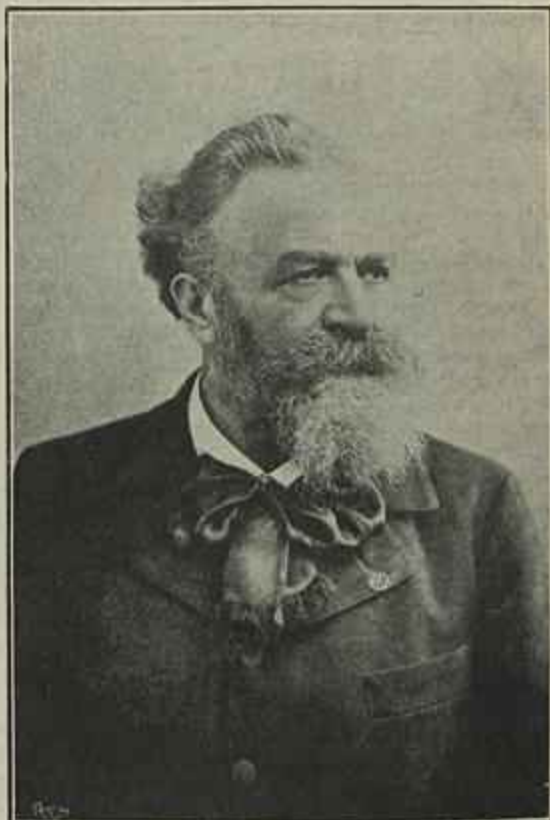
Deus fez-lhe a vontade. Morreu fulminado pela  
angina pectoris, na pastelaria *Bijou*, na Avenida,  
ás 10 horas da noite de 4, depois de ter comido  
uns tantos pasteis e outros doces, como era seu  
costume.

Que descance em paz o bom Alfredo Carvalho,  
que foi sempre um alegre e que tanto fez rir seus  
contemporaneos.

### Eduardo Colonne

O notavel maestro Eduardo Colonne, que Lis-  
boa teve occasião de conhecer em varios concer-  
tos que aqui veiu dirigir, faleceu em Paris no dia  
28 de março.

Eduardo Colonne era uma sumidade musical  
do nosso tempo. Nasceu em Bordeus a 23 de ju-  
lho de 1838, e entrou no Conservatorio de Paris  
em 1855, onde teve por mestres Girard, Sausay,  
Elwart e Ambroise Thomas. O seu curso foi um  
triunfo, distinguindo-se em todas as classes, até



EDUARDO COLONNE

ao primeiro *accessit* e primeiro premio em har-  
monia e violino.

Em 1863 já fazia parte da orchestra da Opera  
e da Sociedade dos Quartetos, que creara com La-  
moureux, seu condiscipulo e conterraneo. Em  
1871 fundou com o editor Hartmann e Duques-



nel, empresário do Odéon, o denominado Concerto Nacional, e d'ahi data o principio da sua reputação musical.

No empenho de vulgarisar as produções dos grandes compositores, Colonne consegue organizar a Associação Artística, que lhe havia de honrar o nome levando a toda a parte a sua orquestra com o repertorio mais selecto, executado sob a sua direcção com aquella superioridade reconhecida por todo o mundo culto.

Massenet, Berlioz, Bizet, Lalo, Dubois, Wagner, Cesar Frank, etc., tiveram a superior execução das suas obras sob a batuta do notavel maestro. Nenhum outro o excedeu na finura, no sentimento, e na extraordinaria unidade que elle conseguia na sua orquestra.

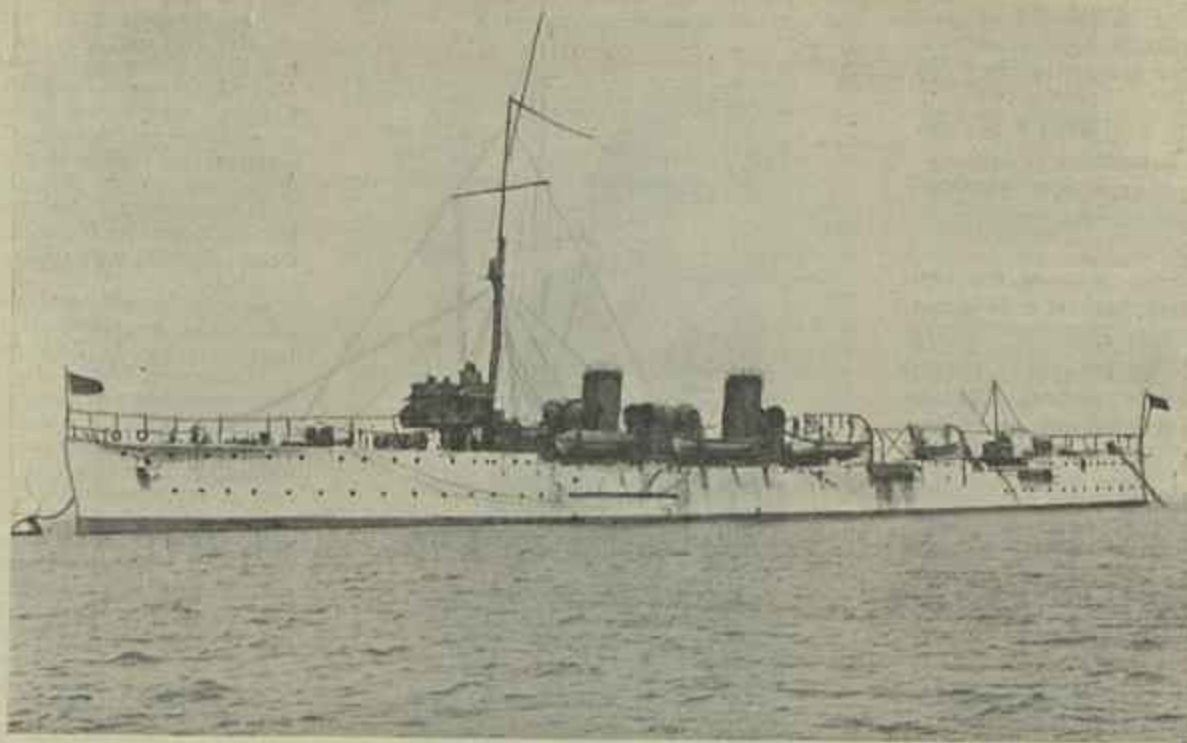
Esteve em Lisboa por 1881-1882 onde regou concertos da Associação 24 de Julho. Aqui voltou em 1903 com a sua orquestra que fez ouvir no teatro D. Amelia. Os concertos dessa orquestra ficaram memoraveis para todos os amadores de musica, pois nunca se ouvira nesta capital uma execução semelhante, um todo tão completo, como se a multiplicidade dos instrumentos se reduzisse a um só, em harmonia, unidade e nitidez, sem perda do menor detalhe da partitura, realçando-a em toda a sua belesa.

Colonne era um extraordinario temperamento musical, que engrandeceu o seu nome a par dos grandes compositores de que foi interprete.



**Defesa feita com verdade.** — *Factos e provas da inusta perseguição movida a José Antonio dos Santos.* — Lisboa. — Tipografia do Anuario Commercial. — Praça dos Restauradores, 27. — 1909.

Folheto de mais de 100 paginas, acompanhado de uma folha solta contendo um acordão do Tribunal da Relação de Lisboa, relativo a um processo em que foi agravante José Antonio dos Santos, acusado de haver mantido em carcere privado o seu socio Antonio Hygino Salgado de Araujo. Abre, servindo lhe de prefacio uma carta



O NOVO «SCOUT» BRASILEIRO «BAHIA» QUE ESTEVE NO TEJO, DÓNDE LARGOU NO DIA 23 DO CORRENTE EM DIREÇÃO AO RIO DE JANEIRO

do notavel juriconsulto Vicente Rodrigues Monteiro e continúa, ministrando interessantes documentos que dizem de sua justiça.

Entendemos nada acrescentar á noticia precedente, visto o caso ainda pender de liquidação final dos tribunales; mas, o que podemos registar neste logar desde já, é que o agravante não encontraria um tal advogado se fôsse realmente réo da maldosa vileza de que foi acusado.

**Chopin,** por E. Ganche, versão de Alfredo Pinto (Sacavem), 1910. Sasseti & C.ª — Editores, Lisboa. Folheto de 40 pags. que faz parte da *Biblioteca Musical*, sob a direcção de Alfredo Pinto (Sacavem).

São breves paginas de grande sentimento descrevendo a vida do malogrado maestro, poeta da musica, dos maiores poetas, tão apaixonado que de paixão morreu aos trinta e nove annos, deixando nome que ainda hoje é recordado e venerado por todo o mundo que tem ouvido as suas inspiradas composições. Não se pôdem ler sem certa comoção as paginas d'este livrinho, tão distintamente trasladadas para a lingua portugüesa pelo sr. Alfredo Pinto (Sacavem), um grande amator de boa musica, e admirador do malogrado maestro.

**Fadas e Gnomos** — *Contos Infantis dos Irmãos Grimm*, coligidos por Henrique Marques Junior. Lisboa, Livraria Moderna, 1910. E' o xiii livrinho da *Biblioteca das Creenças*, uma interessante coleção, que ha uns tres annos vem dando á estampa Henrique Marques Junior, com verdadeira dedicação pelos seus pequeninos leitores, propondo-lhes a leitura dos Irmãos Grim, que não tem rival no genero.

Este volume é prefaciado por manuel de Moura, distinto poeta portuense, e contém oito historias escolhidas: *Uma sucia de pandegos* — *O passaro-bisnau* — *A ave achada* — *A creada dos patos* — *A esperta filha do camponez* — *Os dois companheiros de viagem* — *Conto da morte da franguinha* — *A noiva branca e a noiva preta*. O livrinho é illustrado com bonitas gravuras. Um appetite.

**A Choldra dos Titeres, Scenas da vida real da Bahia dos Tigres** — *Africa Occidental Portugüesa*, por Alberto Corrêa (Paulo Severo). Loanda, 1909. Folheto de 52 pags. E' o primeiro *Quadro duma extraordinaria comedia em*

*verso*. O autor diz, nas palavras com que precede a comedia, que só deu fórma descriptiva a uma serie de factos reaes e verdadeiros. Queremos crêr que assim é, sem que isto tire originalidade litteraria ao autor. De resto, melhor o poderá avaliar quem de perto conheça a vida das colonias.



## O MEZ METEOROLOGICO

Março 1910

**Barometro.** — Max. altura 769<sup>mm</sup>,7 em 1.  
Min. » 751<sup>mm</sup>,9 em 4.

**Termometro.** — Max. altura 19<sup>o</sup>,7 em 31.  
Min. » 5<sup>o</sup>,7 em 12 e 13.

Temperatura irregular todo o mez, sendo o afastamento dos niveis de 14<sup>o</sup>,0, superior ao de fevereiro. A minima de 5<sup>o</sup>,7 é tambem inferior a todas as minimas do mez precedente.

**Chuva** — 63<sup>mm</sup>,2 em 15 dias, sendo a maior altura pluviometrica, registada em 24 horas, de 12<sup>mm</sup>,5 no dia 9.

**Temperaturas médias extremas**, 5<sup>o</sup>,65 (31) — 8<sup>o</sup>,77 (12).

**Nebulosidade.** — Céu limpo ou pouco nublado 9 dias.  
Nublado 22 dias.

**Nevoa** — Em 3 e 7.

**Trovões** — Em 9, 10 e 25.

**Granizo** — Em 10 e 11.

## ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funcções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

**DEPOSITO GERAL:** Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Carvès — Grand Montrouge (Seine) France.

Novidade litteraria:

## CONTOS E DIGRESSÕES

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de Antonio Ramalho e Caetano Alberto, contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas.

Cartonagem em relevo, ouro e côres, completa novidade

Preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA